

Do azeite à água

por Sônia Chada

Azeite e água são aqui metáforas. O foco deste ensaio gira em torno de uma cerimônia de Caboclo, Solene¹ de Boiadeiro, na qual transformações históricas que, a despeito do caráter conservador das religiões em geral, e do candomblé, em particular, vêm tomando lugar sob a ingerência de forças e opções que necessitam ser melhor compreendidas. Já se tem dito que uma religião verdadeiramente brasileira está em gestação.

Azeite e água são aqui, portanto, meros símbolos em torno dos quais, sem pretensões estruturalistas ou de se construir uma etnografia a seu redor, parecem elemento que, de certa forma, ordenam o sistema, ou são parte de sua ordenação.

A água, água benta se for o caso, simplesmente água em outras ocasiões, é uma expressão da purificação e, por conseqüência, da consciência do pecado, do erro, e conseqüente expiação. Tanto o Catolicismo popular, quanto o Espiritismo a utilizam no seu complexo simbolismo.

O dendenzeiro, por sua vez, para todos aqueles que fazem o candomblé é uma árvore sagrada. Mesmo que o dendê não se relacione direta e visivelmente ao ritual de culto de um ou outro dos orixás, como ocorre com Oxalá (que se veste de branco), o panteon dos cultos afro-brasileiros e as liturgias conseqüentes, poderiam, talvez, ser visualizados ou representados ao longo dos vínculos com os dois símbolos sugeridos. Um terceiro elemento, a jurema, parece também ser definidor de uma contribuição indígena que já se tornou essencial.

O quadro seguinte, embora esquemático e superficial, pode expressar a linha do pensamento que ora perseguimos na tentativa de passarmos de meras descrições, a

¹O Aurélio s.v. [Do lat. solemne, “que retorna todos os anos”, “anualmente festejado”.] 1. Que se celebra com pompa e magnificência em cerimônias públicas. 2. Que se efetua com aparato e pompa: missa solene; sessão solene. 3. Acompanhado de formalidades e fórmulas ditadas por leis ou costumes capazes de imprimir um caráter de importância e estabilidade: juramento solene; contrato solene. 4. Que infunde respeito; imponente, majestoso; magistrado solene; tom solene. 5. Que tem um tom pomposo, enfático, afetado, sentencioso. (Cf. A B. Holanda Ferreira 1986:1606)

interpretações e explicações. Música é nosso foco, essencialmente parte de um contexto, sem cuja consideração nenhuma explicação é possível.

O problema principal que nos ocupa, portanto, se refere às mudanças e continuidades que podem ser iluminadas pelas análises musicais, comportamentais e cognitivas que a música permite, prévias à sua inserção em unidades mais abrangentes da vida social das quais a música é ao mesmo tempo parte e efeito.

CANDOMBLÉS DE NAÇÕES AFRICANAS	CANDOMBLÉS DE CABOCLO	
PURISMO TRADICIONAL FESTA PARA ORIXÁ	SINCRETISMO MAIS RECENTE FESTA DE CABOCLO SOLENE DE CABOCLO	
Orixás Forças da natureza Donos da cabeça Mais distantes - elos entre Deus e os homens.	Caboclo - Eguns Espíritos com características mais humanas. Guias espirituais Fac-totum - elos entre Deus e os homens, mais envolvidos.	
AZEITE Comida de santo. Não se bebe, não se fuma. Mudança de traje conforme fase da cerimônia. Roupas brancas/trajes característicos. Cores, adereços prescritos. Estrutura ritual: Padê, Xirê. Cantigas para orixá específico (Rum). Danças prescritas, música com presença essencial da percussão. Transe em função de cantigas específicas para chamadas dos Orixás. Âmago do culto (não público), sacrifício propiciatório.	JUREMA Frutas, abóbora com mel e fumo, jurema. Jurema e bebidas alcoólicas, particularmente cerveja natural e charutos. Idem Idem Idem Idêntica até a virada. Virada para Caboclo. Idem Transe a depender da casa. Alternativa entre cantigas específicas para chamada dos Caboclos (Salvas específicas) no barracão, ou cantigas (rezas) associadas à ingestão da jurema e cantos respectivos na cabana. Festa: eventual, comunhão, agradecimento pelos dons recebidos. Sacrifício propiciatório essencial ou não a depender da casa.	ÁGUA Água com rosas. Charutos. Sem mudança. Exclusivamente roupa branca. Contas relacionadas aos Orixás. Estrutura ritual equivalente com denominações distintas: Incenso (Padê), Preces espíritas e hinos católicos (Xirê). Chegada dos Caboclos. <u>Sem dança, sem acompanhamento instrumental, todos sentados.</u> Transe em função da Cantiga de fundamento da mãe-de-santo. Cerimônia essencial de doutrinação para elevação do nível espiritual. Nenhum sacrifício de animais.

A literatura existente sobre a presença do Caboclo no candomblé descreve-o algumas vezes como o resultado de um sincretismo afro-ameríndio, "um processo basicamente de apropriação seletiva da cultura indígena pela cultura religiosa dos negros" (Santos, 1989:12). E, em outros casos, como uma variante do candomblé jeje-nagô ao qual teriam sido incorporados elementos indígenas, o que seria por demais improvável e contraditório:

pois os estudos afro-brasileiros dão conta do deslocamento dos primeiros povos (bantos) para a zona rural, onde começam a se estabelecer contatos entre índios e negros. (Santos, 1989:14).

A explicação da presença do Caboclo no candomblé é ainda, portanto, uma questão aberta. As casas de candomblé de origem banto, na sua totalidade, hoje cultuam os Caboclos. Povos dessa origem foram os primeiros a chegar ao Brasil como escravos, em meados do Século XVI e foram também os mais abertos às influências externas, inclusive a indígena. Isso se revela de maneira mais visível que nas casas de origem iorubá, talvez por manterem estas a "tradição do purismo nagô" fazendo-as menos suscetíveis às influências de fora e mais resistentes à presença do Caboclo.

Apesar da ligação do índio com o lado católico e africano, permanece viva a sua origem nativa com os seus preceitos e o seu modo de encarar o lado espiritual em meio a tudo aquilo a que foi imposto. De acordo com Lody (1992:19) o Caboclo é o:

ancestral da nova terra, da terra brasileira, por isto merecedor de rituais novos, não semelhantes àqueles dedicados aos ancestrais africanos, porém determinando uma nova categoria mitológica que foi absorvida pelos candomblés baianos e assim pelos demais.

Os Caboclos são considerados entidades mais próximas dos homens, e indicam dessa forma que "o mundo celeste não está distante, nem superior, e o crente pode conversar diretamente com os deuses e aproveitar da sua beneficência" (Carneiro, 1977:

31). Em contrapartida, comportam-se bastante como os próprios homens. São batizados, necessitam de doutrinação, feita nas Solenes e Reuniões de Caboclo, já que existem alguns que são considerados rebeldes.

No Ialaxé Omí, localizado em Plataforma, bairro do subúrbio de Salvador, todos os anos é realizada uma Solene dedicada ao Caboclo Boiadeiro Mato Grosso Rei de Vizaura, guia espiritual da casa em questão. O referido Caboclo é um egum que já teve passagem pela terra e, em vida, era chamado de Antônio José dos Santos.

A Solene dedicada a Boiadeiro é uma cerimônia que acontece no barracão da casa, em volta de uma mesa coberta com toalha branca e enfeitada com flores brancas, copos com água e rosas, contas, búzios e charutos. São lidas preces espíritas e católicas, entoados hinos da igreja católica, juntamente com cantigas de Caboclo. Tanto a mãe-de-santo quanto seus filhos-de-santo usam trajes brancos comuns do candomblé. Todos usam seus fios de contas, com as cores dos seus orixás. A predominância do branco e da água estão relacionados a purificação e a expiação dos erros cometidos e o uso das contas representando a ligação com os Orixás.

A referida cerimônia apresenta a mesma estrutura ritual das festas dedicadas aos Orixás e aos Caboclos. Inicia com o incensamento do barracão e das pessoas presentes, esta parte correspondendo ao padê. São cantadas cantigas para acompanhar essa função, repetidas até que todos sejam incensados. Em seguida são rezados o Pai Nosso e, preces espíritas intercalados com hinos católicos, para santos que têm correspondência com os orixás, esta parte correspondente ao xirê. Após todos os santos serem louvados é puxada a cantiga de fundamento da mãe-de-santo. A canção de fundamento tem o poder individual de chamar a divindade e obrigá-la a se manifestar e, é diferente para cada pessoa. Quando a mãe-de-santo entra em transe todos os seus filhos também entram, sendo este um fator extra-musical que está associado ao estado de transe.

Em termos gerais o estado de transe é provocado pela música e pela dança, associados a fatores hierárquicos, que têm a ver com a estrutura de cada casa em particular. Um estudo comparativo entre as músicas que desencadeiam este estado no Ilê Axé Dele Omí e o Ialaxé Omí, ambos pertencentes a nação queto, consagrados a Oxum e que cultuam o Caboclo, constatamos que: tanto na festa quanto nas reuniões dedicadas ao Caboclo do Dele Omí o transe está associado com cantigas específicas para a virada para Caboclo; na festa do Ialaxé Omí ele está associado as rezas e às cantigas para jurema, juntamente com a ingestão dessa bebida; e na, Solene do Ialaxé Omi, com a cantiga de fundamento da mãe-de-santo. Como podemos observar, há uma complexa rede de fatores musicais e extra-musicais, aprendidos, que se inter-relacionam e que, como sucessão progressiva de estímulos, o desencadeiam.

Com a chegada de Boiadeiro a cerimônia passa a ser dirigida por ele, que canta suas salvas (sempre repetidas 3 vezes, cantadas de forma responsorial, o mesmo sendo o solista e o coro formado por todos os presentes) e pede preces. Após suas saudações, de acordo com o tempo de iniciação, os outros Caboclos se apresentam. São os próprios Caboclos que se anunciam, dão seus nomes, puxam as suas cantigas (sempre cantadas 3 vezes e de forma responsorial). Nas solenes, só são cantadas Salvas de Caboclo (as mesmas cantadas nas festas). São entoadas sem acompanhamento instrumental e não são dançadas, pois o objetivo aqui, é o de cura e elevação espiritual. A música é empregada em todas as ocasiões do culto. Em termos gerais é ela que propicia a ligação entre os homens e o sobrenatural, mas, sofre adaptações quanto a seu uso e o seu significado se liga a fatores extra-musicais, isto é, do contexto que por sua vez reflete.

Após a apresentação de todos os Caboclos, estes, dão passes espirituais, consultas, fazem curas, sacudimentos, conversam com os presentes e dão conselhos, sempre entoando cantigas de trabalho. Sua função principal, através desse ritual, é que

tanto os Caboclos quanto as pessoas presentes alcancem uma maior elevação espiritual. No final da Solene canta-se o Hino ao Senhor do Bonfim, sincretizado com Oxalá, para que a Solene seja encerrada em paz.

Pesquisadores que estudaram o candomblé de Caboclo parecem concordar, que nesse culto há uma fusão de elementos católicos, africanos e indígenas. Carneiro (1991: 65), referindo-se às cantigas dos candomblés de Caboclo

revela a extensão do sincretismo nessa forma atrasada de religião. Há, neles, elementos dos cultos jeje-nagô, malê, banto e ameríndio, na mais curiosa das miscelâneas.

O sincretismo católico no culto ao Caboclo, está relacionado a diversos fatores históricos e sociais. As pessoas que fazem o candomblé de Caboclo, acreditam em Deus, Zambi, um ser supremo e superior. De acordo com essas pessoas, os Caboclos são o elo de ligação entre Deus e os homens. Há grande influência de elementos católicos no barracão e, as cantigas de Caboclo, entre outras coisas, falam de Deus, Maria e a Hóstia consagrada. Sobre o assunto, Carneiro (1977: 46) diz que:

A assimilação com o catolicismo continua a verificar-se hoje, e até em maior escala: tendo começado como um subterfúgio para escapar à reação policial, que de vez em quando se encarna contra os candomblés, torna-se cada vez mais uma segunda natureza. Assim, podemos encontrar altares católicos em todos os candomblés; todos os orixás têm correspondentes entre os santos da Igreja; a Cruz, a Hóstia, o Cálice, os episódios da Arca, do nascimento e do batismo de Cristo são lembrados nos cânticos, especialmente os cânticos em português.

Podemos notar também a influência espírita Kardecista, que passa a ser difundida no Brasil por volta de 1870, fato não aceito pelos espíritas, que consideram essa forma de culto como "baixo espiritismo." O Espiritismo parece influir muito mais no comportamento dos Caboclos do que o Catolicismo. Se olharmos do ponto de vista

espiritual, vamos ver que os espíritos de índios que ali se manifestam, agem com a única intenção de praticarem a caridade, meta cuja doutrina parte do lado Kardecista em relação à prática do bem e do amor ao próximo. Os Caboclos agem de forma diferente dos Orixás e parecem seguir o princípio de fazerem a caridade em qualquer circunstância.

Na época da grande repressão policial contra o candomblé (1920-1930), uma das estratégias freqüentemente utilizadas por eles para se livrarem das garras policiais, era o de se autodesignarem Centros Espíritas. De acordo com Braga, o surgimento de grande número de Centros Espíritas, especialmente em épocas de maior perseguição aos candomblés, revela, de maneira bastante clara, a astúcia inventada pelo negro para que sua religião escapasse ao cerco permanente que lhe faziam as autoridades policiais. Afirma, ainda, que no Estado de Alagoas, a perseguição foi tão cruel que o povo-de-santo teve que praticamente reestruturar o culto, eliminando o uso dos instrumentos de percussão, para que não fossem admoestados pela polícia (Cf. 1995:27). Embora ainda não tenhamos uma posição clara sobre o assunto, em relação a Solene dedicada a Boiadeiro, a hipótese, de que possa ter acontecido o mesmo com esta cerimônia, deve ser mantida e verificada.

Quanto ao sincretismo afro-ameríndio, relembremos a já mencionada opinião de Santos (1992:12), de que se trata basicamente de um processo de "apropriação seletiva." Entendemos como tal que a cultura religiosa dos negros, como protótipo, tendo a configuração cultural indígena como estímulo, submeter-se-ia aos complexos mecanismos da mudança cultural, ou seja, inovação (em seus estágios de análise, identificação e substituição de elementos), sujeito à aceitação social para a execução e eventual integração como forma nova de comportamento social, isso como um processo contínuo, inerente a cada cultura (Cf. Spradley e McCurdy, 1975: 565ss.).

A religião ou o fenômeno religioso é um reflexo de necessidade básica do homem em explicar forças que ele não consegue controlar. A palavra religião “não implica necessariamente na crença em um Deus, deuses ou fantasmas, mas se refere à experiência do sagrado e, conseqüentemente, se encontra relacionada com as idéias de ser, sentido e verdade.” (Eliade, 1969). Quando estamos lidando com assuntos complexos como religião e arte, devemos ter em mente que:

não há povos mais simples, há somente povos com tecnologias mais simples que as nossas. A vida imaginativa e emocional do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo rica e complexa. Faz parte da nossa incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos rituais. Também não é correto falar da estrutura de uma mentalidade diferente da nossa. Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva articulando experiências culturais muito diversas. (Turner, 1974:15)

Os rituais seriam a forma pela qual o grupo periodicamente se afirma. A música não só expressa algo como serve também de veículo à expressão de vivências espirituais. Muito embora os sons produzidos durante um ritual sejam facilmente captados em aparelhos de gravação, uma série de fatos que afetam os sons mas, que não podem ser gravadas, estão acontecendo. Este contexto extra-musical faz com que duas apresentações de uma mesma música resultem bastante diferentes. Assim, a música não pode ser pensada apenas como uma estrutura de sons, mas, sobretudo como um fenômeno que inserido numa sociedade, numa determinada situação, tem por objetivo recriar, a cada realização, um estado mental particular tanto do público quanto da comunidade. Complexo este que envolve, em muito, fatores extra-musicais.

Béhague, em relação à dialética da criação/composição musical como atividade individual, condicionada pelo sistema de valores do grupo social correspondente e refletindo esses valores, afirma que:

Alguns sistemas são mais elásticos ou flexíveis que outros, de modo que a possibilidade de inovação depende dessa flexibilidade (. . . .) Também, o contexto da performance como evento cultural parece ter uma influência fundamental na experimentação com a inovação, i.e., quanto mais especificamente funcional seja o contexto, provavelmente menor será a possibilidade de inovação (1992: 12).

Cada casa de candomblé é um mundo particular sob comando de um pai ou mãe-de-santo que, detêm toda a autoridade moral e espiritual sobre a casa, assim como sobre a sua família-de-santo, só reconhecendo acima da sua própria autoridade a dos Orixás e Caboclos. Cada casa possui características próprias, vez que pais ou mães-de-santo são os responsáveis pela criação de novos detalhes, de acordo com as divindades, havendo porém uma estrutura básica comum a todas e uma certa uniformidade nas crenças e nas práticas rituais.

O Caboclo é considerado o dono da terra, da terra brasileira, por isto merecedor de um ritual novo, que determine sua categoria mitológica, sua forma de pensar e agir e, obviamente, exigiu a geração de um repertório específico de Caboclo, distinto dos rituais mais tradicionais ligados aos Orixás, mas, ainda assim, baseado na estrutura ritual dos candomblés tradicionais. No caso específico da Solene, sua função principal é a de purificação, representado pela água e predominância da cor branca, assim como a de elevação espiritual, pedidos através das preces e dos hinos católicos, que substituem as cantigas dedicadas aos Orixás. Um pedido a Deus para que os Caboclos alcancem mais luzes e continuem a cumprir a sua missão. As salvas de Caboclo têm a finalidade de apresentação e identificação dos Caboclos presentes e são adaptadas a um novo contexto, cuja finalidade não permite o acompanhamento instrumental e a dança. O mesmo se aplica às cantigas de trabalho que acompanham os passes e sacudimentos e, cuja função principal é a de aliviar as pessoas presentes de seus problemas.

Bibliografia

- Béhague, Gerard
1992 "Fundamento Sócio-Cultural da Criação Musical." *Art 19* (ago.): 5-17.
- Braga, Júlio Santana
1992 *Ancestralidade Afro-Brasileira: O culto de babá egum*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA e Edições Ianamá.

1995 *Na Gamela do Feitiço: Repressão e Resistência nos Candomblés da Bahia*. Salvador: EDUFBA.
- Carneiro, Edison
1977 *Candomblés da Bahia*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

1991 *Religiões Negras: notas de etnografia religiosa. Negros Bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Garcia, Sonia Maria Chada
1995 "A Música dos Caboclos: O Ilê Axá Dele Omí." Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Música da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Música. Salvador: Escola de Música da UFBA.
- Lody, Raul Giovanni
1977 *Samba de Caboclo*. Cadernos de Folclore 17. Rio de Janeiro: FUNARTE e Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

1992 *Tem Dendê, Tem Axé: Etnografia do Dendzeiro*. Série Raízes 2. Rio de Janeiro: Pallas.
- Querino, Manuel Raimundo
1938 *Costumes Africanos no Brasil*. Prefácio e notas de Artur Ramos. Biblioteca de Divulgação Científica 15. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Santos, Jocélio Teles dos
1989 "O Caboclo no Candomblé." *Padê* 1 [Salvador] (jul.): 11-21.

1992 "O Dono da Terra: A presença do Caboclo nos candomblés baianos." Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.
- Spradley, James T. e McCurdy, David W.
1975 *Antropology: Cultural Perspective*. New York: John Wiley.

Guia para continuar

-  **Programação da ANPPOM 1999**
-  **Informação dos Participantes**
-  **Saída dos Anais da ANPPOM**